Mensagem 49

Basel, Suíça, 1 de Maio de 2002

O que é a Bhagavad Gita?

A Gita é talvez a pólvora, a dinamite, detonando há mais de cinquenta séculos, explodindo a nossa consciência fragmentada (mente) para a consciência total (nenhuma-mente). A Gita é consistentemente inconsistente e é por isso que nenhum dogma pode surgir dela. Nenhuma religião ortodoxa pode ser criada a partir da Gita. É um anátema para os eruditos porque nela não encontram nenhum tipo de teologia. A Gita gera percepções para serem vividas, não conceitos e doutrinas para serem pregadas. A Gita é uma qualidade rebelde para ser absorvida, não uma ideia revolucionária para mobilizar máfias e bandidos em nome da religião. A Gita é a obra-prima do génio humano religioso nas suas complexidades esplêndidas e profundas. É um dos textos mais estudados e traduzidos na história da literatura religiosa do mundo. A Gita distinguiu-se como o trabalho modelo e universal, transcendendo todas as limitações do ego humano, da mente e intelecto. A Gita chamou a atenção em relação à Energia-Inteligência Pura, a Chiti-Shakti, a Purusha-Praktiti. A Gita intrigou e iludiu interpretadores e tradutores. A poesia, o ritmo e a contribuição linguística na Gita são magníficas e um exemplo de excelência. A compreensão da Gita acontece na medula óssea e nas células do sangue, através de cânticos repetidos e da sua contemplação. A Gita convida-nos a estarmos disponíveis para a consciência holística da percepção sem escolhas, ou seja, para a “ignorância” que sabe – não para o “conhecimento” que é ignorante! A Gita é a única visão mundial que tolera e que requer que se mantenham juntas múltiplas posições simultaneamente, para que a religião suporte toda a humanidade e não degenera em intolerância e guerra. A guerra na Gita é simbólica. É a guerra entre a perversidade e a sabedoria, entre a estupidez e “nenhuma-mente”, com a mente como ponte. Dhuryodhan é a mente estúpida, descuidada, Arjuna é a mente e Krishna é “nenhuma-mente”, ou seja, a inteligência pura (Chaitanya). A Gita liberta-nos das nossas identidades previamente auto-preocupadas. A Gita liberta-nos da desintegração para a integração (yoga), da reação para a ação (Kriya Yoga), da ânsia para a vida (swadhyay), dos paradoxos para a consciência pura (Ishwara Pranidhan), de Prakriti (traços e tendências inerentes) para Purusha (verdade transcendental de existência iluminada). A Gita é a sabedoria do sacrifício dos frutos da ação, a distinção das Gunas, a emergência da equanimidade, e a importância da ausência do eu nas ações.

A Gita explica a natureza da compaixão da consciência Pura (Krishna) afirmando que Krishna aparece como tantos deuses, sábios, árvores, cavalos, elefantes, leões, armas, demónios, mantras, guerreiros, rios, montanhas, hinos Védicos e muito mais. Ele é manifestado como tudo o que é excelência, merecedor de adoração e tudo o que inspira ascensão ao verdadeiro ser a partir dos limites do ser conceptual. Não existe mais nenhum outro texto religioso, a não ser a Gita, que tenha exposto de forma tão profunda a elucidação acerca da distinção entre as condições que libertam e as condições que aprisionam o ser humano. A Gita não emite nenhuma lição de moral, nem transmite nenhum sermão da montanha. É a via iluminada da ação desapegada. A mensagem da Gita transcende os limites dos Hindus ortodoxos e de todas as outras teologias. A multiplicidade tem sido a regra da Gita e foi permitida a existência de vias comuns em complementaridade. A Gita é uma tolerância suave permitindo várias práticas e posições. Só na Gita, a Sâmkya explicitamente não teísta, pode aparecer a par com o ponto de vista totalmente teísta da Bhakti, sem qualquer perturbação para a energia

suprema do entendimento holístico. Finalmente, Krishna, diz num verso chave (XVIII : 63) – “Assim para ti foi exposta por mim a sabedoria que é mais secreta que o secreto. Tendo refletido totalmente sobre isto faz como desejares.” Nenhum domínio de um guru, nenhum seguidismo, mas somente florescer, ser uma luz para si mesmo. Isto é um tributo para a humanidade, indicando que a grandeza do homem é tão grande que ninguém o pode salvar. Os humanos têm de se salvar a si mesmos ou destruir-se-ão a si próprios, tal como fizeram no passado e ainda estão a fazer! Nenhum Deus, nenhum Filho de Deus, nenhuns iluminados podem salvar – entendam isto, por amor de Deus! Não o entendimento intelectual da mente mesquinha e inferior! Mas o entendimento supremo de “nenhuma-mente”, Krishna!!! Não tentem arranjar um bode expiatório para a vossa dependência, apego e ânsia, através de um salvador, um avatar, um profeta, um paramhansa, um maharshi, um swami, um lama, um guru, um yogi do mercado e por aí adiante. A inação do centro-ego (não a ociosidade) é a forma mais elevada de ação. Nirâsir Yatachittatmâ Tyaktasarvaparigraha Sâriram Kevalam Karma Kurvan Nâpnoti Kilbisam. “Se uma pessoa executa a ação só com o corpo, sem ânsia e apego, com todos os motivos de conquista abandonados, então não se expõe a nenhum mal”. (V:21) A Gita deve ser cantada e sobre ela se deve meditar vezes e vezes sem conta. Só então a verdadeira sabedoria camuflada na Gita é revelada e realizada. Na próxima mensagem (nº50) será exposto mais sobre este assunto. Entretanto, ponderemos sobre o verso final (XVIII : 78) da Gita, no qual Sanjay proclama poeticamente: “Onde quer que esteja Krishna (pura inteligência) e onde quer que esteja o arqueiro Arjuna (o intelecto pronto a ser transformado), nessa ocasião e ali haverá certamente esplendor, vitória, riqueza e virtude”.

Krishnam Vande Jagat Gurum